

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUIS DIEGO MARTINS CASSIANO

**HOMOFOBIA, GERONTOFOBIA E SAÚDE MENTAL:** A interseccionalidade  
sobre os desafios dos homens gays idosos

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

LUIS DIEGO MARTINS CASSIANO

**HOMOFOBIA, GERONTOFOBIA E SAÚDE MENTAL:** A interseccionalidade  
sobre os desafios dos homens gays idosos

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho.

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

LUIS DIEGO MARTINS CASSIANO

**HOMOFOBIA, GERONTOFOBIA E SAÚDE MENTAL: A interseccionalidade  
sobre os desafios dos homens gays idosos**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 24/06/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Membro: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

# **HOMOFOBIA, GERONTOFOBIA E SAÚDE MENTAL: A interseccionalidade sobre os desafios dos homens gays idosos**

Luis Diego Martins Cassiano<sup>1</sup>  
Larissa Maria Linard Ramalho<sup>2</sup>

## **RESUMO**

As manifestações da homofobia e gerontofobia na sociedade contemporânea transmitem estereótipos e discriminação, afetando a saúde mental dos homens gays idosos. Nesse contexto, a interseccionalidade da diversidade sexual e de gênero são aspectos intrínsecos do envelhecimento, com a orientação sexual interpretando um papel significativo. O presente estudo teve como objetivo geral investigar a influência dessa interseccionalidade na saúde mental desses homens gays idosos. Utilizando uma abordagem exploratória, foi realizada uma revisão da literatura, analisando criticamente dados de autores relevantes para o tema. Com isso, foi possível compreender o envelhecimento de homens gays como um processo complexo influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, com desafios como solidão, estética e estereótipos. E que desta maneira, os profissionais de psicologia preocupam-se com essa população, buscando desmistificar preconceitos e contribuir para a erradicação da discriminação contra os idosos LGBTQIA+. Este estudo visa estabelecer uma compreensão mais profunda da interseção entre homofobia e gerontofobia, fornecendo achados de pensadores valiosos para a área da psicogerontologia

**Palavras-chave:** Homofobia. Gerontofobia. Saúde mental. Homens gays idosos. interseccionalidade. Psicologia.

## **ABSTRACT**

The manifestations of homophobia and gerontophobia in contemporary society transmit stereotypes and discrimination, affecting the mental health of elderly gay men. In this context, the intersectionality of sexual and gender diversity are intrinsic aspects of aging, with sexual orientation playing a significant role. The present study aimed to investigate the influence of this intersectionality on the mental health of these elderly gay men. Using an exploratory approach, a literature review was conducted, critically analyzing data from relevant authors on the subject. This allowed for an understanding of the aging of gay men as a complex process influenced by biological, psychological, and social factors, with challenges such as loneliness, aesthetics, and stereotypes. Thus, psychology professionals are concerned with this population, seeking to demystify prejudices and contribute to the eradication of discrimination against LGBTQIA+ elders. This study aims to establish a deeper understanding of the intersection between homophobia and gerontophobia, providing findings from valuable thinkers in the field of psychogerontology.

**Keywords:** Homophobia. Gerontophobia. Mental health. Elderly gay men. Intersectionality. Psychology.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: martinsdiego525@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Na atual sociedade moderna, é possível observar uma eminente transformação demográfica em curso, marcada pelo substancial aumento da população idosa. Segundo os dados do censo colhidos em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira com 60 anos ou mais atingiu 32.113.490 pessoas, representando 15,6% do total, um crescimento de 56,0% em relação a 2010, quando era de 20.590.597 (10,8%). Esse cenário acarreta questões imediatas em esferas econômicas, sociais, políticas e de saúde, fazendo com que, avanços científicos, médicos e sociais desempenhem um papel fundamental na ampliação da consciência sobre o fenômeno do envelhecimento em diversas culturas.

Nos últimos anos, especialmente no início do século XXI, houve um crescente reconhecimento da importância de abordar as questões de saúde mental entre a população idosa, especialmente entre grupos historicamente marginalizados, como os homens gays. Dessa forma, no âmbito da psicologia, temos a psicogerontologia (ou psicologia do envelhecimento), um campo de estudo jovem e em expansão, que em uma visão geral, os pesquisadores da área vêm buscando investigar os comportamentos ao longo do curso de vida (Novo, 2003). Sendo uma área que busca compreender o envelhecimento e a saúde mental de indivíduos mais velhos, a visibilidade das experiências de grupos minoritários, como a comunidade LGBTQIA+ ganha importância particular, visto que historicamente quanto mais ênfase e representatividade, melhor surgem as ferramentas na promoção da igualdade e na luta contra a discriminação.

Nesse contexto contemporâneo da psicologia e da saúde mental, desponta a interseccionalidade, como explica Crenshaw (2002) ela emergiu como uma lente crucial para entender as complexidades das experiências individuais e coletivas, reconhecendo que as identidades individuais e as formas de opressão estão interconectadas, moldando assim as experiências únicas de cada pessoa dentro de sistemas sociais.

Dentro desse quadro teórico, a homofobia, como definida por Weinberg (2000), entendida como o preconceito, a discriminação e a hostilidade direcionados a pessoas com base em sua orientação sexual, pode se manifestar de várias formas, desde antipatia até agressões físicas e verbais, incluindo o extermínio em casos extremos (crime de ódio). Da mesma forma, a gerontofobia, que é a aversão ou discriminação contra os idosos, permanece pouco documentada na literatura acadêmica, ambos são fenômenos persistentes que afetam a qualidade de vida e o bem-estar de homens gays idosos.

Portanto, apesar dos avanços recentes na compreensão da interseccionalidade entre identidade de gênero, orientação sexual e envelhecimento, ainda há lacunas significativas na literatura. Estudos anteriores destacaram a prevalência de discriminação e preconceito enfrentados por homens gays idosos, mas há uma falta de pesquisas detalhadas sobre como esses fenômenos se intersectam e impactam a saúde mental dessa população vulnerável.

A vista disso, no mundo acadêmico, tem-se a necessidade de mais estudos sobre o enfrentamento da homofobia e da gerontofobia e suas implicações para o bem-estar psicológico de homens gays idosos, visto que é uma área subexplorada. É fundamental reconhecer que o envelhecimento não é uma experiência homogênea, ele é profundamente moldado pela intersecção de fatores como idade, gênero, orientação sexual e contexto social, sendo assim surge a pergunta problema do presente estudo: como a interseção entre a homofobia e a gerontofobia influencia a saúde mental dos homens gays idosos?

Dentro deste enquadramento, este estudo se propõe a explorar dois fenômenos muitas vezes negligenciado e parte do objetivo geral: investigar a influência da interseccionalidade entre a homofobia e a gerontofobia na saúde mental dos homens gays idosos. Assim, tem-se como objetivos específicos: contextualizar biopsicossocialmente envelhecimento e diversidade sexual e de gênero, compreender como a homofobia e gerontofobia se mostram na sociedade contemporânea e analisar quais as consequências da gerontofobia e da homofobia na saúde mental de homens gays idosos.

Com isso, é crucial compreender como os homens gays mais velhos enfrentam a homofobia, tanto em sua forma estrutural quanto interpessoal, a fim de promover um envelhecimento saudável e inclusivo. Diante do rápido envelhecimento da população e das consequências negativas que a discriminação e o preconceito podem ter sobre o bem-estar dos homens gays idosos, torna-se essencial preencher essas lacunas de conhecimento, o estudo do envelhecimento, cada vez mais aprofundado, tem contribuído para que a sociedade reconsidere a visão historicamente preconceituosa em relação a essa etapa da vida.

Ao entender e explorar as interseções entre a homofobia e a gerontofobia, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda da experiência de homens gays idosos, bem como para escassez de pesquisa nesta área, que acaba comprometendo a compreensão das interações entre identidade de gênero, orientação sexual e envelhecimento, limitando o desenvolvimento de intervenções adequadas na área Psicogerontologia.

A visibilidade e a inclusão de indivíduos LGBTQIA+ nas discussões sobre envelhecimento são cruciais para a construção de sociedades mais justas e igualitárias, onde

todos os cidadãos, independentemente de sua orientação sexual, possam envelhecer com dignidade, respeito e bem-estar emocional.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória, que buscou investigar e compreender de forma aprofundada dois fenômenos e um problema específico e como explica Gil (2017, p. 41) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Para alcançar esse objetivo, foi utilizado a revisão bibliográfica como principal método de coleta de dados, que de acordo com Gil (2017), é uma pesquisa que se classifica através dos escritos e levantamentos já elaborados e que possuem relevância científica no tema de interesse do pesquisador. Este modelo de pesquisa conta com escritos como artigos científicos, livros, e demais produções que auxiliam nas contribuições teóricas da pesquisa.

Além disso, a análise dos dados coletados foi de natureza qualitativa, “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores (...)” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). Essa abordagem qualitativa nos permitiu explorar nuances, padrões e tendências subjacentes relacionadas ao nosso tópico de pesquisa, enriquecendo assim nossa compreensão do tema em questão.

Dessa forma, foi realizado um levantamento de estudos por meio de bibliotecas virtuais como Google Acadêmico, Scielo, Pepsic, BVS, Medline. Os trabalhos selecionados abrangiam o período de 2015 a 2023, compreendendo pesquisas recentes e relevantes sobre o tema em questão, além de utilizar autores e bases de dados mais antigos para fundamentar a análise. A partir das palavras-chaves: homofobia; homens gays; gerontofobia; envelhecimento; saúde mental; e interseccionalidade.

Foi utilizado enquanto critérios de inclusão as publicações que estiverem em português e inglês, e que falem sobre envelhecimento, gerontofobia e homofobia e as consequências na saúde mental desses fenômenos para com a população LGBTQIA+, especificamente homens homossexuais e, como critérios de exclusão, trabalhos que tratem de questões sobre violência contra qualquer outra população que não fosse homossexual masculina – com exceção dos relatórios de violência; bem como artigos que tratem sobre infância, adolescência ou jovens adultos, já que o público da pesquisa são homens idosos.

### 3 ENVELHECIMENTO E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

O envelhecimento é, para Brito e Litvoc (2004), um processo complexo que envolve uma interação dinâmica entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Do mesmo modo, a saúde mental na velhice e a diversidade sexual e de gênero são aspectos entrelaçados desse fenômeno multifacetado. Neste contexto, a compreensão biopsicossocial desses temas é essencial para uma abordagem abrangente e inclusiva.

Com isso, pode-se caracterizar o envelhecimento por uma série de mudanças biológicas, incluindo alterações no funcionamento celular, no sistema imunológico e nas estruturas cerebrais, essas mudanças podem afetar a saúde física e cognitiva dos indivíduos, influenciando sua qualidade de vida e bem-estar. Aspectos psicológicos do envelhecimento também desempenham um papel significativo, com a ocorrência de desafios como a solidão, a depressão e a ansiedade, no entanto, muitas pessoas idosas demonstram resiliência e capacidade de adaptação diante dessas adversidades, destacando a importância de estratégias de enfrentamento e apoio psicossocial (Shephard, 2003).

Além disso, Motta (2004) explica como os determinantes sociais, como acesso a recursos financeiros, redes de apoio social e oportunidades de participação comunitária, têm um impacto profundo no envelhecimento, disparidades socioeconômicas e de acesso aos cuidados de saúde podem influenciar significativamente a saúde e o bem-estar dos idosos, destacando a necessidade de políticas e práticas inclusivas.

Portanto, pode-se perceber que a sociedade que habitamos, como explica Berger (2006) é um intrincado tecido social construído pela interação constante entre seus membros e de fundamental importância para formação do eu. Neste contexto, os seres humanos desempenham um papel dual e paradoxal, ao mesmo tempo em que são moldados por essa sociedade, também desempenham um papel fundamental em sua construção contínua. A cultura, que abriga as crenças, tradições e valores humanos, é a força vital que nos transforma de seres nascidos sem um propósito definido em seres "humanizáveis", capazes de se adaptar e se integrar ao ambiente cultural que nos rodeia, o processo de objetivação social, onde ações individuais evoluem para hábitos e, finalmente, estabelecem padrões socialmente aceitos, é o elo que liga o indivíduo à sociedade.

Assim, somos simultaneamente os arquitetos e os produtos de uma realidade compartilhada, uma sociedade onde as normas e valores são forjados, mantidos e, ocasionalmente, desafiados. Determinados hábitos e comportamentos são desejados por todos, e junto com as crenças, eles dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis, as legitimações

são justificadas nas instituições da sociedade, criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la, caso haja um "rebelde" que não se submeta à norma estabelecida, haverá a tentativa de correção, se não for possível corrigir, restará a prisão ou até mesmo o seu aniquilamento (Berger *and* Luckmann, 2004).

Com isso, quando fala-se em indivíduos rebeldes, é possível se referir a membros da sociedade que possui uma "orientação do desejo afetivo-sexual" que nada mais é que à direção na qual o desejo sexual é direcionado, tanto em termos físicos quanto afetivos, diferente se olhados com lentes retrogradadas. Esse desejo desempenha um papel significativo na formação da orientação sexual, sendo um impulso subjetivo e comportamental em relação ao objeto do desejo, buscando proporcionar uma sensação de prazer e satisfação sexual, esse fenômeno é notavelmente complexo e resulta da interação simultânea de estímulos de natureza biológica, psicológica e social. Nas ciências biomédicas, a orientação sexual é oficialmente definida em cinco categorias básicas: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual e assexual, como documentado em várias fontes acadêmicas (Scanavino *et al*, 2013).

Com isso, ao longo do tempo, esse comportamento foi submetido a diferentes interpretações e categorizações, conforme fala alguns autores, como Beluche (2008), Foucault (1998) e Santos (2013), diversas instituições, como a cultura (onde foi enquadrado em hábitos, costumes e tradições), a igreja (que o classificou como pecado), o sistema político-jurídico (que o criminalizam) e, por fim, as ciências biomédicas (que o trataram como patologia). Cada uma dessas instituições demandou abordagens distintas, a igreja buscou redimir a alma pecadora por meio de penitência e evangelização, o sistema político-jurídico legislou e aplicou punições, muitas vezes resultando em prisão, a medicina empreendeu esforços para tratar a "doença" e encontrar uma suposta cura através de medidas de medicalização e internação. Em resumo, membros da sociedade, em diferentes momentos e contextos, tentaram corrigir ou eliminar o comportamento homossexual, recorrendo à intimidação, violência e até mesmo à exclusão.

Logo, a sigla LGBTQIA + que atualmente representa uma ampla gama de orientações sexuais, identidades de gênero e expressões que têm sido cada vez menos reconhecidas e respeitadas em nossa sociedade como diz Reis (2018). Cada letra desta sigla representa uma parte importante desse espectro diverso: Lésbicas, que são mulheres que sentem atração por outras mulheres; Gays, homens que sentem atração por outros homens; Bissexuais, pessoas que são atraídas por indivíduos de diferentes gêneros; Travestis, que adotam expressões femininas, embora não necessariamente mudem suas características primárias; Transexuais, indivíduos que passam por uma transição social, que pode envolver procedimentos hormonais e/ou cirúrgicos, a fim de se alinhar com sua identidade de gênero; Queer, pessoas que não se

identificam com os modelos tradicionais de heterossexualidade; Intersexuais, aqueles que nascem com padrões de cromossomos e/ou anatomia reprodutiva que não se encaixam nas definições convencionais de sexo; e Assexuais, que experimentam pouco ou nenhum interesse sexual por qualquer gênero ou sexo.

Além dessas identidades, o símbolo "+" simboliza a contínua expansão e aceitação de outras identidades e formas de expressão dentro desse movimento de inclusão e visibilidade. À medida que nossa compreensão da diversidade humana evolui, é fundamental reconhecer e respeitar as diversas experiências de gênero e sexualidade que existem, promovendo assim a igualdade, a tolerância e o respeito para todos (Reis, 2018; Souza; 2017).

Porém, essa busca por inclusão e visibilidade enfrenta obstáculos, como a homofobia, que abrange atitudes negativas direcionadas ao público LGBTQIA +, podendo manifestar-se de forma sutil ou flagrante (Gato *et al.*, 2012). Estudos sobre homofobia internalizada destacam a influência da religião no autojulgamento das pessoas LGBTQIA + (Cerqueira-Santos *et al.*, 2017). Essa influência religiosa é apenas um dos fatores que moldam as crenças sobre homossexualidade, juntamente com crenças ético-morais, psicológicas, biológicas e psicossociais (Lacerda *et al.*, 2002). Assim, o enfrentamento da homofobia e a promoção da aceitação de todas as identidades e expressões de gênero tornam-se essenciais para construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Portanto, é crucial enfrentar a homofobia e promover a aceitação de todas as identidades e expressões de gênero para construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. No entanto, a população LGBTQIA+ continua a enfrentar preconceitos, tabus e estereótipos sem garantias legais que respaldem e protejam sua integridade diante da LGBTfobia. Alarmantemente, relatórios sobre violência contra pessoas LGBT revelam que, a cada 19 horas, um membro dessa comunidade é morto de forma violenta (Grupo Gay da Bahia, 2017).

Esses dados evidenciam a persistência do preconceito sexual, alimentado por atitudes negativas e estereótipos enraizados em crenças moralistas, tradicionalistas e religiosas não questionadas (Santos *et al.*, 2018). Corroborando esses dados, foram verificados prováveis impactos do processo de internalização da homofobia por homens homossexuais correlacionados ao desenvolvimento psicossocial, dinâmica de “saída, retorno ou permanência no armário”, crenças religiosas, corpo, normas de gênero, terminologias sexuais, saúde mental, suicídio, uso, abuso, adição às drogas, comportamento sexual de risco, relacionamentos afetivo-conjugais entre homens, violência doméstica, processo de envelhecimento e velhice (Antunes, 2016).

Portanto, quando fala-se de interseccionalidade, correlacionar o estudo da velhice e da velhice homossexual é uma oportunidade de transformação dos estereótipos negativos já elaborados socialmente, como também na produção de espaços de debate com foco nas especificidades destes atores sociais (Gomes *et al.* 2020). Além disso, Corrêa-Ribeiro, Abdo e Camargos (2016) postulam que ao passo que a população cresce, a diversidade sexual também cresce, sendo necessária atenção às peculiaridades desses dois fenômenos, em conjunto.

Consequentemente, reconhecer e respeitar a diversidade de orientações sexuais é um passo crucial para construir um ambiente onde todos possam viver autenticamente e que esses impactos não sejam normalizados na sociedade, a luta contra a homofobia requer educação, empatia e a promoção de leis que assegurem igualdade e proteção para a comunidade LGBTQIA+. O que por fim, ao desafiar estereótipos, preconceitos e discriminações, podemos contribuir para um futuro mais tolerante e acolhedor, onde cada indivíduo é livre para ser quem é, sem medo de represálias ou exclusões (Freitas, 2022).

#### **4 MANIFESTAÇÕES DA HOMOFOBIA E GERONTOFOBIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

A homofobia e a gerontofobia são formas de preconceito que persistem na sociedade contemporânea, afetando negativamente a vida de indivíduos e comunidades. Como argumentado por Judith Butler (1993) em seu livro "Problemas de Gênero", os estilos de gênero não são inerentes às identidades individuais, mas são construídos socialmente através de atos repetidos que são institucionalizados. Este conceito de performatividade de gênero enfatiza como as normas sociais moldam as experiências de grupos marginalizados, incluindo aqueles que pertencem à comunidade LGBTQ+ e idosos.

Além disso, a história da homofobia também revela uma trajetória de reconhecimento e resistência. A remoção da homossexualidade da lista de doenças mentais pela American Psychiatric Association (APA) em 1973, seguida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990, reflete um avanço na compreensão e aceitação das diversas orientações sexuais. No Brasil, a Resolução 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia ratificou esse reconhecimento, proibindo qualquer prática que tivesse como objetivo "curar" os sujeitos homossexuais. Com esses eventos históricos e políticos é possível destacar a importância de compreender e abordar a homofobia e a gerontofobia como questões sociais urgentes, que exigem uma resposta coletiva e inclusiva para promover a igualdade e o respeito mútuo.

Para compreender melhor esse tema, ao retroceder no tempo, é evidente que o conceito e a terminologia relacionados à homofobia têm passado por diversas transformações e permanecem como assunto de debate (Costa & Nardi, 2015; Junqueira, 2012). Ao longo da literatura, encontramos expressões como homossexismo (Lehne, citado em Logan, 1996), homonegativismo (Hudson & Ricketts, 1980), heterossexismo (Morin, 1977), homopreconceito (Logan, 1996), preconceito sexual (Herek, 2000) e preconceito contra a diversidade sexual (Costa & Nardi, 2015)

Borrillo (2009), ao delinear a homofobia nos dias atuais, amplia sua definição além do âmbito individual, considerando também os processos ideológicos. Ele afirma:

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social àqueles ou àquelas que supostamente sentem desejo ou têm relações sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma particular de sexismo, a homofobia renega igualmente todos aqueles que não se enquadram nos papéis determinados para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades, o que tem consequências políticas (Borrillo, 2009, p. 27).

Portanto a homofobia, como fenômeno social, já existia, mas quando fala-se na literatura psicológica, o termo ganhou destaque especialmente através do psicólogo americano George Weinberg em 1972, com seu livro "*Society and the Healthy Homosexual*". Nessa obra, Weinberg define homofobia como um “pânico de compartilhar um mesmo espaço com homossexuais – e, no caso dos próprios homossexuais, a autoaversão” (Gato *et al*, 2011, p. 141). Na psicologia brasileira, o tema só começou a ser abordado como objeto de estudo em 2000, com a pesquisa pioneira de Camino e Pereira (2000), que investigou a atitude de professores e alunos de Psicologia de João Pessoa em relação à Resolução 01/1999 do CFP.

Durante grande parte do século XX, a psicologia desempenhou um papel central na legitimação e perpetuação do estigma associado às orientações não heterossexuais (Gilman, 1985). A interpretação predominante da psicologia e psiquiatria sobre a homossexualidade foi evidente nas duas primeiras edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da *American Psychiatric Association* (APA).

Essas edições caracterizavam "homossexualismo" inicialmente como um transtorno de personalidade e, posteriormente, como um transtorno de identidade sexual. As pesquisas que supostamente sustentavam a noção da homossexualidade como patologia enfrentaram diversos problemas, como falta de clareza conceitual, classificação inadequada dos participantes, grupos de comparação inadequados, amostragem deficiente, não consideração de fatores sociais potencialmente correlacionados e uso de medidas questionáveis (Gonsiorek, 1991).

Covey (1989) observa que, assim como aconteceu com a homossexualidade, inúmeros mitos, atitudes sociais e estereótipos negativos foram atribuídos aos idosos. Entre eles, destacam-se aqueles relacionados à sexualidade, o que dificulta qualquer expressão nessa área de suas vidas. Dessa forma, a velhice tem sido retratada no imaginário ocidental como um período inevitável de declínio sexual, associando a sexualidade nessa fase à degenerescência física, à perda do vigor sexual e à capacidade reprodutiva, além de diversos mais estereótipos negativos e muitas vezes informações falsas são divulgadas a respeito do envelhecimento saudável (Andrade; Franch, 2012).

Com isso, a gerontofobia que se refere ao preconceito com a idade ou velhice, capaz de intervir na convivência social, ganha mais força dia após dia (Esteban, 2021). Outra definição desse termo é descrita por Carneiro, Lessa e Cabral (2020, p. 108) ao destacar que é uma patologia que pode “[...] afetar o ser humano em sua transição no processo de envelhecimento, em que a pessoa idosa estabelece uma relação negativa que desencadeia repulsa à senilidade de forma ampla e devastadora”. Em outras palavras esses autores a caracterizam como o medo e pavor exagerado de envelhecer.

No que diz respeito à etimologia da palavra, a gerontofobia está relacionada ao medo (fobia) que a sociedade ou os indivíduos manifestam em relação aos idosos (gerontes). Esteban (2021) argumenta que uma das possíveis causas que contribuíram para essa fobia pode ser a visão e a imagem disseminada pela sociedade industrial e pós-industrial sobre as pessoas idosas, enfatizando sua improdutividade, inatividade e também suas desvantagens sociais. A autora destaca que esses aspectos potencializam e desencadeiam uma série de fatores e posturas, como exclusão, estigmatização, marginalização, discriminação e redução da humanidade dos idosos (Esteban, 2021).

Se o termo está associado ao medo extremo de envelhecer, surge a questão de como evitar o inevitável, considerando que o envelhecimento é parte natural do ciclo vital. Carneiro, Lessa e Cabral (2020) esclarecem que o ser humano, em sua essência, é suscetível a medos, e que a ansiedade e a angústia podem levar ao desenvolvimento de fobias, incluindo a gerontofobia. Na contemporaneidade, o envelhecimento se tornou uma preocupação, uma vez que a escassez de tempo se tornou uma realidade cotidiana para muitas pessoas. Essa falta de disponibilidade contribui para acelerar a percepção do passar do tempo, tornando-o praticamente imperceptível.

Porém, na velhice, há grupos ainda mais invisibilizados e marginalizados, incluindo pessoas idosas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais e assexuais (LGBTQIA+). Segundo a Convenção Interamericana de Direitos Humanos dos Idosos de 2015

(artigo 5º), considera-se que pessoas idosas LGBTQIA+ são vítimas de discriminação múltipla. Por um lado, enfrentam a discriminação associada à idade, carregando estigmas e estereótipos, enquanto, por outro lado, são marginalizadas por não se enquadrarem nos padrões cis ou heteronormativos. Isso resulta em ameaças devido à sua identidade de gênero ou orientação sexual, levando a um estilo de vida mais solitário e frequentemente invisível (Oliveira *et al.*, 2021).

A discriminação estrutural e o preconceito frequentemente levam muitas pessoas idosas LGBTQIA+ a não assumirem sua identidade de gênero ou orientação sexual, em um fenômeno conhecido no meio LGBTQIA+ como “voltar ao ou ficar no armário” (Webb *and* Elphick, 2017). Por exemplo, no caso de gays e lésbicas, a homofobia da sociedade e a internalizada (a negação da própria identidade como parte dessa minoria sexual) são agravadas pelo acúmulo de estigmas relacionados à situação individual da pessoa, como renda e raça. Isso resulta em uma interseccionalidade discriminatória, onde diferentes formas de discriminação, como idadismo, racismo e misoginia, se manifestam simultaneamente (Kimmel, 2014).

O receio das pessoas idosas em assumir uma identidade LGBTQIA+ afeta diversas gerações, incluindo a geração silenciosa e os *babyes boomers*, nascidos respectivamente antes da Segunda Guerra Mundial e entre 1940 e 1960. Essas gerações enfrentaram a criminalização da homossexualidade e a patologização das identidades de gênero e orientações sexuais diferentes da heteronormatividade, classificadas até 1990 como distúrbios mentais pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Além disso, o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) contribuiu para a estigmatização dos gays da geração baby boomer. A associação da doença à população gay levou à sua caracterização na época como “câncer gay” ou “praga gay” (Cantwell, 1998).

Esse histórico de discriminação fez com que a sociedade internalizasse preconceitos, resultando na persistência de discriminação contra a população LGBTQIA+. Como consequência, muitos indivíduos LGBTQIA+ ainda enfrentam barreiras em serviços de saúde que seguem padrões cisheteronormativos. Essa realidade leva pessoas LGBTQIA+ a adiar ou evitar cuidados de saúde e a esconder sua identidade de gênero ou orientação sexual dos profissionais de saúde, o que impacta diretamente na qualidade e na adequação dos cuidados médicos recebidos (Byers *et al.*, 2014).

Portanto no contexto atual, como cita Stoll (2024) ainda é comum associar o idoso a termos depreciativos e, em alguns casos, a sentimentos negativos e de responsabilidade familiar. Diante dessa realidade, torna-se urgente promover discussões e reflexões no campo da Gerontologia e Geriatria, visando desafiar os estereótipos atribuídos aos idosos e, em particular,

garantir que esses indivíduos sejam reconhecidos como participantes ativos na sociedade contemporânea.

Porém, como cita Sampaio (2020) apesar dos esforços dedicados à temática, observa-se uma fragilidade na representação dos idosos, muitas vezes retratados como incapazes e como um fardo para a sociedade, especialmente na cultura atual, a imagem estereotipada associada aos idosos frequentemente os retrata como sendo inúteis e desvaloriza o processo de envelhecimento. Dessa maneira, mudar essa percepção requer uma reestruturação significativa das políticas públicas e iniciativas educacionais que promovam um envelhecimento ativo e respeitoso, considerando especialmente a diversidade dentro do grupo, incluindo os idosos LGBTQIA+ e outros grupos marginalizados.

## **5 CONSEQUÊNCIAS DA GERONTOFOBIA E HOMOFOBIA NA SAÚDE MENTAL DE HOMENS GAYS IDOSOS**

O ideal de juventude, amplamente difundido no mundo ocidental como sinônimo de beleza e vitalidade, alimenta na sociedade uma busca incessante pela suposta felicidade de permanecer jovem eternamente. Essa "ditadura da juventude" estabelece o corpo como o centro das identidades e das práticas sociais, exigindo que seja "robusto, ativo e sexualizado" (Araújo *and* Carlos, 2017). Nessa ótica, a velhice é vista como um estágio a ser evitado a todo custo, e espera-se que os idosos mantenham características consideradas positivas da juventude, sendo, no mínimo, um "velho ativo" (Passamani, 2015).

Mesmo quando se aborda as representações mais "positivas" do idoso na sociedade contemporânea, percebe-se uma tendência universalizante e generalizadora, que muitas vezes se limita à perspectiva da moral heterossexual. Quando a sexualidade é associada à velhice, mesmo em contextos que reconhecem sua importância para um envelhecimento ativo, frequentemente se refere à sexualidade de idosos heterossexuais, enquanto as sexualidades dissidentes são frequentemente estigmatizadas e sujeitas a preconceitos (Araújo; Carlos, 2017).

Portanto, quando fala-se sobre saúde mental, para além da etiologia das doenças e dos diagnósticos de transtornos mentais, o sofrimento psíquico se apresenta também em queixas do dia a dia, seja nas interações sociais ou nos comportamentos, está relacionado a fatores internos e externos e é interdependente das condições de vida e das relações estabelecidas. Na busca de compreender e traçar a influência existente entre o preconceito homofóbico, gerontofóbico e a saúde mental, cabe ressaltar que a homofobia é um fenômeno variado em suas manifestações e que provoca inúmeras repercussões na vida de quem é vítima (Dias, 2021).

Quando abordamos a gerontologia LGBTQIA+, cujo objetivo, segundo Henning (2016), é desenvolver a noção de "velhice LGBTQIA+", observamos a persistência de perspectivas que, mesmo enfatizando aspectos mais positivos do envelhecimento LGBT, negligenciam questões sociais importantes (Henning, 2016). Além disso, essa abordagem tende a se afastar da dimensão afetiva do envelhecimento homossexual, paradoxalmente reforçando biomarcadores negativos associados a comportamentos de "risco", "câncer", "infecção", "estigma", "vírus" e "epidemia" (Ferreira *and* Miskouci, 2020).

Nascimento (2011) destaca que a homossexualidade e as experiências homoeróticas não protegem esses indivíduos das influências da heteronormatividade, do sexismo, da religião, do machismo, da família e até mesmo da ciência. Assim, a cultura heterossexista exerce influência e está presente na cultura gay (homonormatividade). PocaHy (2012) argumenta que a homonormatividade representa outra forma de exclusão e manutenção das normas, operando também através de marcadores como gênero, sexualidade, idade, raça e classe social. Seguindo essa linha de raciocínio, Santos e Lago (2013, p.121) afirmam que "a homonormatividade é uma nova máscara da norma que, disfarçada sob um apelo integrador e tolerante, limita as possibilidades de reinvenção da sexualidade e do prazer".

Em consonância com essa perspectiva, a pesquisa conduzida por Henning (2014) revela que os idosos homossexuais são frequentemente alvo de críticas e comentários depreciativos, destacando categorias como as 'tias que fazem a adolescente', os 'viados-susana-vieira', as 'bichas velhas' e as 'mariconas caquéticas'. Nota-se que essas categorias são estigmatizadas em contraste com outras mais positivas, como 'paizão' e 'tiozão', o que evidencia a persistência das normas e estereótipos na sociedade, mesmo entre grupos marginalizados.

Gonçalves (2020) e outros autores investigaram o impacto do duplo estigma nas relações sociais, amorosas e sexuais da população de homens gays idosos e identificaram que o estigma internalizado tem efeitos significativos na saúde relacional desses homens, afetando aspectos essenciais como a satisfação relacional e sexual. Os autores afirmam que o estigma "aumenta a probabilidade de ocorrerem algumas disfunções sexuais, bem como problemas nas relações conjugais, familiares e sociais" (Gonçalves; Costa; Leal, 2020, p. 80).

Nesse contexto, Henning (2014) destaca que a proximidade desses indivíduos com instituições consideradas centrais nas comunidades LGBT, como centros comunitários, organizações "*friendly*" e estabelecimentos como bares, boates e cafés gays, teoricamente promoveria uma experiência de envelhecimento e velhice mais positiva. Em consonância com essa ideia, o estudo conduzido por Humboldt, Carneiro e Leal (2020) conclui que a integração

nessas comunidades pode auxiliar os homens homossexuais idosos a enfrentar a homofobia internalizada, reduzindo assim os possíveis impactos negativos na saúde mental desses homens.

Henning (2014) destaca em sua pesquisa a presença das "famílias de sangue" e das "famílias de coração" como referências às redes de suporte social. Ele exemplifica a partir do relato de um de seus entrevistados, Célio - nome fictício -, que descreve a "família de coração" como uma noção que evoca sentimentos de acolhimento, conforto, segurança, aceitação, tolerância e um suporte eficaz em momentos difíceis da vida.

Na análise dessas narrativas, percebe-se que a "família de coração" vai além de simples vínculos de parentesco (embora estes também sejam valorizados). Ela se entrelaça quase sempre com a ideia de redes de suporte social. Assim, quanto mais um indivíduo é percebido como relevante dentro dessas conexões, mais provável é considerá-lo parte da "família de coração" (Henning, 2014).

Duarte (2013), em sua tese intitulada "O bloco das Irenes": articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento, destaca que:

Concepções sobre casamento, família, asilo, doença, podem ser problematizadas e recriadas a partir de outras relações sociais e modos de vida possibilitadas pela questão da amizade e de suas orientações criativas, porosas, flexíveis. Nesse sentido, amizade como proposição de estilística da existência aponta para criação de uma nova erótica não disciplinada, ou seja, uma economia de prazer não normatizada sexualmente (Duarte, 2013, p. 219).

Quando se fala de envelhecimento positivo, constatou-se que a homofobia emerge como um significativo estressor, resultando em repercussões adversas na saúde mental das pessoas homossexuais. Os estudos de Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos (2020) e Paveltchuk, Borsa e Damásio (2020) trazem reflexões sobre a teoria conhecida como Estresse de Minorias. Esta teoria foi desenvolvida por Meyer (2003) e considera que pessoas inseridas em grupos de minorias sociais, ao serem expostas a situações de violência, discriminação e preconceito, sofrem a ação de estressores específicos no cotidiano que provocam consequências para a sua saúde mental, implicando em sofrimento psíquico e comportamentos de risco, se comparados com pessoas heterossexuais, por exemplo.

Esses estressores incluem: (1) homonegatividade internalizada, também conhecida como homofobia internalizada, onde os indivíduos absorvem atitudes e estigmas sociais sobre sua orientação sexual, incorporando-os à sua identidade ao longo de suas experiências de vida; (2) estigma imposto, que ocorre quando ações negativas resultam em violência, discriminação e perseguição; e (3) ocultação da sexualidade, onde o medo de rejeição leva os indivíduos a

esconder sua orientação sexual para evitar possíveis retaliações (Costa *et al.*, 2020; Meyer, 2003).

Portanto, conforme Neri (2016) diz, o papel do psicólogo é de suma importância, considerando que o processo de envelhecimento acarreta um aumento do risco de vulnerabilidade e disfunções. O psicólogo pode desempenhar uma série de funções, tais como: avaliação e reabilitação cognitiva; psicoterapia para idosos, familiares e cuidadores; e educação da população sobre o envelhecimento e seus desafios, entre outras áreas.

A Psicologia continua a explorar profundamente esse campo, que é relativamente novo, buscando descobrir novas formas de apoio para os idosos, suas famílias e cuidadores. Com o crescimento significativo da população idosa e a tendência de aumento da expectativa de vida, torna-se evidente a amplitude da importância do papel do psicólogo, tanto no presente quanto no futuro, atuando como um profissional voltado para a prevenção, promoção e reabilitação da saúde, além de intervenções diretas com idosos e cuidadores (Braconnier *and* Marcelli, 2018).

Anita L. Neri, que atua na área da gerontologia, discorre a respeito da importância da psicologia ao intervir no campo do envelhecimento. Segundo ela:

A psicologia oferece contribuições importantes à compreensão dos processos, à avaliação comportamental e à reabilitação. No campo do tratamento e da reabilitação é comum, hoje, pensar em ações multiprofissionais, oferecendo alternativas de ajuda aos familiares de idosos acometidos de doenças que causam incapacidade física e cognitiva, organizando grupos de apoio emocional de informação e de autoajuda (Neri, 2016, p. 21).

Existem vários fatores que afetam para o alcance do envelhecimento bem sucedido, contribuindo para o aparecimento de alguns conflitos e crises. Alguns desses conflitos se referem ao “[...] surgimento de doenças crônicas que deterioram a saúde e estão frequentemente acometendo os idosos; modificações orgânicas; viuvez, morte de amigos e parentes; ausência de papéis sociais favoráveis e dificuldades financeiras (aposentadoria)” (Stuart, 2018, p. 134). Essas crises e mudanças que o idoso vivencia, são comuns nessa fase da vida. E para enfrentar essas e outras mudanças, ele necessitará não só da ajuda interior, que é o ajudar e compreender a si mesmo; como também de ajudas externas, que estejam disponíveis. Existe também a possibilidade de o idoso adaptar-se a essas mudanças, reagindo de maneira positiva a elas.

Neri (2016) propõe algumas alternativas para enfrentar esses desafios. Primeiramente, destaca-se o apoio e suporte familiar, onde a presença e o apoio da família podem manter o idoso conectado aos sentimentos de reconhecimento e afeto, incentivando-o a buscar novas relações sociais. Em segundo lugar, a participação em grupos de terceira idade oferece ao idoso

oportunidades de desenvolver novas perspectivas de vida e interagir com pessoas que compartilham experiências semelhantes. Por fim, a manifestação religiosa também é considerada uma forma válida de enfrentamento do estresse, proporcionando bem-estar e suporte emocional.

Além dessas estratégias individuais, é importante destacar a Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIA+, estabelecida no âmbito do SUS pela portaria nº 2.836, que visa promover a saúde integral da população LGBTQIA+. Por meio do acolhimento de suas demandas e da oferta de serviços de saúde livres de preconceito e discriminação, busca-se consolidar o SUS como um sistema de saúde universal, com acesso equitativo para todos (Brasil, 2011).

No contexto do atendimento à saúde mental, Pereira (2014) relata situações similares, como evidenciado em seu estudo com homens homossexuais sobre suas experiências em psicoterapia. Segundo o autor, alguns psicólogos podem adotar posturas que reforcem padrões heterossexuais, silenciando ou desconsiderando as vivências homossexuais de seus pacientes.

Portanto, nos estudos sobre suicídio, pessoas LGBTQI+ são consideradas uma população vulnerável devido a uma série de fatores intrínsecos e extrínsecos. Questões intrínsecas incluem a não identificação com o gênero designado desde o nascimento ou a orientação sexual, muitas vezes relacionadas à não aceitação e negação de sua sexualidade. Por outro lado, questões extrínsecas estão ligadas às violências, agressões e conflitos diários causados pelo preconceito (Oliveira, 2020).

Para regulamentar a conduta ética dos profissionais de psicologia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005) estabelece em seu Código de Ética Profissional que é proibido ao psicólogo ser conivente com atos de discriminação e influenciar convicções de orientação sexual ou outros preconceitos durante sua prática profissional. Além disso, ao longo dos anos, o CFP tem reforçado suas diretrizes e normas relacionadas à garantia dos direitos das pessoas LGBTQI+, como a Resolução nº 01, que estabelece normas para o atendimento psicológico de pessoas transexuais e travestis (CFP, 2018).

Nesse contexto, é importante abordar a saúde mental e o sofrimento psíquico vivenciados por pessoas LGBTQI+ e idosos. A homofobia e a gerontofobia são fatores que intensificam esse sofrimento, causando desequilíbrio e afetando o funcionamento individual. O apoio social e da família demonstraram ser importantes fatores de proteção contra o sofrimento psíquico das pessoas LGBTQI+ e idosos, visto que possibilitam suporte para o enfrentamento das dificuldades e auxiliam no processo de autoaceitação, proporcionando melhorias na qualidade de vida dessa população (Dos Santos *et al.*, 2022).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou explorar a interseccionalidade entre homofobia e gerontofobia e qual seu impacto na saúde mental dos homens gays idosos, abordando um certo espaço significativa na literatura existente. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, foi possível examinar a complexidade dessas discriminações e distinções e todas as suas consequências na vida cotidiana e no bem-estar psicológico dessa população vulnerável.

Dessa forma, através dos resultados evidencia-se que a homofobia e a gerontofobia são interligadas e tocam negativamente a saúde mental dos homens gays idosos, a discriminação, tanto estrutural quanto interpessoal, contribui para o isolamento social, a baixa autoestima e problemas de saúde mental, esses arranjos são consistentes com a literatura, que mostra a necessidade urgente de intervenções exclusivas e inclusivas que abordem essas formas de discriminação de maneira integrada. Além disso, percebe-se uma escassez de pesquisas detalhadas sobre como a homofobia e a gerontofobia se manifestam e se interseccionam na vida cotidiana dos homens gays idosos, essa lacuna implica a capacidade de desenvolver certas políticas públicas e intervenções eficazes que incentivem a igualdade e o bem-estar dessa população.

Portanto, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da interseção entre homofobia e gerontofobia, fornecendo achados de pensadores valiosos para a área da psicogerontologia e destacando a necessidade de maior visibilidade e inclusão de indivíduos LGBTQIA+ nas discussões sobre envelhecimento. É fundamental que futuras pesquisas continuem a explorar essas interseções, a fim de desenvolver estratégias eficazes para combater a discriminação e promover um envelhecimento saudável e inclusivo para todos.

Em conclusão, a visibilidade e a inclusão de homens gays idosos nas discussões sobre envelhecimento são cruciais para a construção de sociedades mais justas e igualitárias. As descobertas deste estudo ressaltam a importância de uma abordagem interseccional na promoção do bem-estar emocional e da dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual e idade. Assim, espera-se que este trabalho contribua significativamente para o avanço das políticas públicas e das práticas inclusivas.

Através de suas descobertas e recomendações, visa promover uma sociedade onde todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou idade, possam envelhecer com respeito, dignidade e uma saúde mental positiva. Ao abordar as questões de homofobia e gerontofobia de maneira integrada, este estudo busca criar um ambiente social mais acolhedor

e justo, onde o envelhecimento seja visto como uma etapa valorizada da vida, livre de preconceitos e discriminações.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Annablume, 2017.
- ARAUJO, Ludgleydson.; CARLOS, Karolyna. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicol. Conhecimento**. Soc., Montevídeu, v. 8, n. 1 p. 188-205, 2018.
- BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade**. O ponto de viragem da psiquiatria brasileira no século XIX. São Paulo: Annablume, 2008.
- BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2006.
- BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BORRILLO, Daniel. Homofobia. In T. Lionço, & D. Diniz (Orgs.), **Homofobia e educação**: Um desafio ao silêncio (pp. 15-46). Brasília: Letras livre, 2009.
- BRACONNIER, Alain.; MARCELLI, Daniel. **As mil faces da adolescência**. 2018.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 2.836, de 01 janeiro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), **a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais** (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Brasília, 2011.
- BYERS, David S.; VIDER, Stephen; SMITH, Emil K. Clinical activism in community-based practice: The case of LGBT affirmative care at the Eromin Center, Philadelphia, 1973–1984. **American Psychologist**, v. 74, n. 8, p. 868, 2019.
- CAMINO, Leoncio; PEREIRA, Cícero. O papel da psicologia na construção dos direitos humanos: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação ao homossexualismo. **Revista Perfil**, v. 13, n. 13, p. 49-69, 2000.
- CANTWELL JR, Christopher. **Gay cancer, emerging viruses, and AIDS**. New Dawn (Melbourne), 1998.
- CARNEIRO, Suellen Freitas Lessa; LESSA, Moyana Mariano Robles; CABRAL, Hildeliza Boechat. La dignidad de los ancianos y la gerontofobia. **Derecho y Cambio Social**, [S. l.], n. 60, p. 100-121, 2020.
- CERQUEIRA-SANTOS, Elder; AZEVEDO, Hanna Valença Pereira; DE MIRANDA RAMOS, Mozer. Preconceito e saúde mental: estresse de minoria em jovens universitários. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 7-21, 2020.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder *et al.* Contato interpessoal com homossexuais e crenças sobre a adoção homoparental. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 2, p. 87-100, 2017.

CFP. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 01, de 29 de janeiro de 2018. **Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis**. Brasília, 2018.

CORRÊA-RIBEIRO, Renata; ABDO, Carmita; CAMARGOS, Einsten. Lésbicas, gays e bissexuais idosos no contexto do envelhecimento. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 10, n. 3, p. 158-163, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de DW Winnicott—4º Ed.** DE editorial, 2021.

DOS SANTOS, Matheus Elias; DE LIMA, Fábio Costa. Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos. **Revista Mosaico**, v. 13, n. 3, p. 94-102, 2022.

DUARTE, Gustavo. **O ‘Bloco das Irenes’**: Articulações entre Amizade, Homossexualidade(s), e o Processo de Envelhecimento. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

ESTEBAN, Elsa González. **Gerontofobia**. In: PIZZI, Jovino; CENCI, Maximiliano Sérgio. *Glosario de patologías sociales*. Pelotas: Editora UFPel, 2021.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. Homosexuality and biomarkers of aging in the production of gerontological knowledge by American, British, and Brazilian authors. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00222618, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - a vontade de saber**. São Paulo: Graal Editora, 1998.

FREITAS, Margarida Karolaine de Sousa. **As potencialidades das experiências estéticas enquanto estratégia de cuidado para pessoas LGBTQIA+ em sofrimento psíquico**. 2022.

GATO, Jorge; CARNEIRO, Nuno Santos; FONTAINE, Anne Marie. **Contributo para uma revisão histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais**. 2011.

GATO, Jorge; FONTAINE, Anne Marie; CARNEIRO, Nuno Santos. **Escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays**: construção e validação preliminar. *Paideia (Ribeirão Preto)*, v. 22, p. 11-20, 2012.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GILMAN, Sander L. **Difference and pathology: Stereotypes of sexuality, race, and madness**. Cornell University Press, 1985.

GOMES, Hiago Veras; DE ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. **Homovelhices e psicogerontologia: uma abordagem em relação a sua (in) visibilidade**. Editora Fundação Fênix, p. 109, 2021.

GONSIOREK, John C. **The empirical basis for the demise of the illness model of homosexuality**. 1991.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB): **Assassinato de homossexuais no Brasil**. Relatório 2016/2017. Disponível em: <http://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relate3b3rio-homicidios-2013>. Acesso: 08 mar 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders". **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 13, p. 132-154, 2016.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

HUDSON, Walter W.; RICKETTS, Wendell A. A strategy for the measurement of homophobia. **Journal of homosexuality**, v. 5, n. 4, p. 357-372, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2020: Características gerais da população - Resultados do universo**. 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2012.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, p. 165-178, 2002.

LITVOC, Júlio; BRITO, Francisco Carlos de. Envelhecimento prevenção e promoção da saúde. In: **Envelhecimento prevenção e promoção da saúde**. 2004. p. 226-226.

LOGAN, Colleen R. Homophobia? no homoprejudice. **Journal of homosexuality**, v. 31, n. 3, p. 31-53, 1996.

- MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological bulletin**, v. 129, n. 5, p. 674, 2003.
- MOTTA, Luciana Branco da. Processo do envelhecimento. In: **Saúde do Idoso: a arte de cuidar**. 2004. p. 117-124.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault simplesmente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman. "Velha canção sertaneja": narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 14, p. 133-150, 2011.
- NERI, Anita. Liberalesso. **Saúde e qualidade de vida na velhice**. São Paulo: Alínea, 2016.
- NOVO, Rosa. **Para além da eudaimonia**: o bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- OLIVEIRA, Marcos Rodrigo et al. Invisibilidade e solidão: a figura do homossexual idoso no Brasil. **Envelhecimento humano: Desafios contemporâneos**, v. 2, p. 234-245, 2021.
- OLIVEIRA, Elias Teixeira; VEDANA, Kelly Graziani Giacchero. Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 4, p. 32-38, 2020.
- PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de confete no " Mar de Xarayés"**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. 2015.
- PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais. **Psico-USF**, v. 25, p. 403-414, 2020.
- PEREIRA, Guilherme Bessa Ferreira et al. **Sentidos de psicoterapia para homens gays**. 2014.
- POCAHY, Fernando. " Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 122-154, 2012.
- REIS, Toni. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / Gay Latino, 2018.
- RIBEIRO-GONÇALVES, José Alberto; COSTA, Pedro Alexandre; LEAL, Isabel. Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários portugueses. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 1, p. 75-81, 2020.
- SAMPAIO, Edilson Coelho. **Envelhecimento humano: desafios contemporâneos-volume 2**. 2020.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 113-147, 2013.

SANTOS, Daniel Kerry. **Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis, Santa Catarina**. Florianópolis: Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SANTOS, José Victor; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; NEGREIROS, Fauston. Atitudes e estereótipos em relação à velhice LGBT. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 29, 2018.

SCANAVINO, Marco de Tubino *et al.* Compulsive sexual behavior and psychopathology among treatment-seeking men. in São Paulo, Brazil. **The Journal of Psychiatry Research**. Volume 209, Issue 3, 30 October 2013.

SHEPHARD. Roy J. **Envelhecimento, atividade física e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.

SOUZA, Camila Reis *et al.* Estudo bibliométrico sobre a identificação de áreas mineradas utilizando google earth engine. **XIX Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, v.17, 2017.

STOLL, Vitor Garcia; WEIDUSCHADT, Patricia. Patologias sociais: uma revisão de literatura sobre Gerontofobia (2011-2020). **Revista Longeviver**, 2024.

STUART, Marília. **Aspectos sociais do envelhecimento**. São Paulo. Atlas. 2018.

WEBB, Eileen; ELPHICK, Liam. Yesterday once more: Discrimination and LGBTI+ seniors. **Monash University Law Review**, v. 43, n. 2, p. 530-566, 2017.

WEINBERG, George H. **Society and the Healthy Homosexual**. New York, EUA: St. Martin's. 2000.